

Collor inspeciona Hospital de Planaltina

O presidente Fernando Collor de Mello foi conferir ontem as condições e o atendimento do Hospital Regional de Planaltina (DF), distante 46 quilômetros do Palácio do Planalto. Durante uma hora, o Presidente percorreu diversas alas do Hospital, conversou com pacientes, ouviu reclamações e recebeu reivindicações. Na triagem, ele encontrou Cisleide Gonçalves da Silva, com a sua filha Fabiana, de 16 dias, e afirmou que estava há mais de três horas esperando por atendimento. O Presidente perguntou ao ministro da Saúde, Alcení Guerra, sobre o caso do menino Osanir Andrade, que faleceu no Hospital por falta de socorro, e depois mandou abrir inquérito para apurar no País todas as mortes ocorridas por falta de atendimento nos hospitais.

A visita não foi surpresa. A direção do Hospital foi avisada por volta das 10h. O tempo foi suficiente para limpar os corredores, trocar a roupa de cama e melhorar o aspecto em geral. O presidente Fernando Collor chegou pontualmente às 16h, apesar da forte chuva que castigou a cidade no final da tarde. Ele desceu do helicóptero e foi direto para a maternidade, onde conversou com diversas pacientes. Ele perguntou para Dirce Zanguetta se estava sendo bem atendida. Ela respondeu que sim, mas reclamou contra a falta de material. Essa mesma reclamação ele ouviu de Rita Célia Batista da Silva.

Em seguida, ele foi direto para farmácia, onde encontrou uma geladeira vazia. Ela entrou na sala de urgência, onde minutos antes uma idosa morre de derrame cerebral. Passou pela clínica de medicação e nebulização. Para

atender a comitiva presidencial, uma enfermeira deixou sem atendimento Ricardo Ferreira Ribeiro, de quatro anos, que ficou sendo atendido pelo pai Misaél Ferreira Neto, que segurava o tubo de soro.

O presidente Fernando Collor, que era seguido pelo ministro da Saúde, Alcení Guerra; do secretário de Saúde do Distrito Federal, José Recheliu Andrade Filho; do diretor do Hospital, Carlos Alberto Camargo Campos, ao entrar no pronto-socorro e na clínica-geral, recebeu a maior reclamação, de Jorgina Rodrigues de Carvalho. Ela disse que estava com a mãe internada há mais dias, pediu material. Collor de Mello travou o seu maior diálogo com Francisco de Assis Lima Pontes, cearense, aposentado, com deficiência no olho direito, devido a diabetes.

Ao chegar perto, o presidente Fernando Collor foi logo afirmando: "Você é frequê, aqui!". "O que é que houve? Foi mordido por algum bicho?", perguntou. A resposta foi rápida: "Não, é diabetes", disse o paciente. Collor disse "é mesmo, homem", e passou a perguntar qual era a sua naturalidade e quantos anos morava no DF. Francisco de Assis disse que mora há 26 anos, e pretende morrer aqui. "Olhe para os pobres, Presidente!" apelou Francisco de Assis.

Na ginecologia e obstetrícia, o presidente Fernando Collor cumprimentou Francisca de Fátima Moura, que estava deitada numa cama sem lençol. Ela aproveitou para pedir material. Mas, o Presidente foi levado à triagem, onde encontrou Cisleide, com a filha nos braços. Foi quando o Presidente perguntou

pelo caso de Osanir, enquanto o diretor do Hospital foi buscar o prontuário para mostrar que Cisleide tinha chegado ao local às 15h30. Uma senhora, alheia a tudo, pediu ao Presidente a sua aposentadoria. Ela disse ter 70 anos. Collor de Mello disse que ela ainda estava forte, e foi embora. O local foi o mesmo onde Osanir ficou no colo da mãe. Ele morreu de pneumonia. Fabiana tinha apenas gripe.

Depois de percorrer o banco de sangue, ele foi à ala de Raios-X, e recebeu a reivindicação de Cecília Campos da Silva, para comprar vários aparelhos. Ele conheceu outras localidades, e passou pela cozinha, para descobrir a qualidade da comida, e terminou a visita no almoxarifado do hospital. Ele perguntou para a atendente qual era o custo de um pacote de fraldas descartáveis, mas a atendente respondeu não conhecer o preço, pois trabalhava apenas com o "físico".

O ministro disse que o aspecto do hospital tinha melhorado, depois que o Governo Federal tinha liberado uma verba de Cr\$ 650 milhões para a saúde do DF. Ele revelou que Collor disse que o sistema é uma obsessão, e mandou cuidar da rede hospitalar do País. O Presidente ordenou para colocar pessoas capacitadas em atender ao pessoal, mas o diretor do hospital alegou falta de gente, e garantiu que não houve negligência na morte do menino. O serviço de ortopedia, clínica médica e cirurgia geral não vem funcionando por falta de pessoal. O vice-diretor do hospital, Luis Henrique Paiva Salazar, disse que o hospital tem 108 médicos e 92 leitos para atender a uma população estimada em 73 mil pessoas, com um déficit de 40 leitos.

ADAUTO CRUZ



Francisco de Assis pediu ao presidente Collor para que olhe pelos pobres.